



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
de Investigación y Conocimiento Científico



e-revist@s

Sumários.org

Faculdade Santo Agostinho
revista fsa

www4.fsanet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 1, art. 13, p. 218-231, jan./fev. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.1.13>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung

Zeitschriftendatenbank

MIAR

Diadorim

Linguagem, Cinema, Romance e a Figura Feminina

Language, Cinema, Romance and Female Figure

Sheila Debastiani Ramos

Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional

E-mail: Sheiladbt.ramos@gmail.com

Magali de Moraes Menti

Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

E-mail: Magali@lingua.com.br

Endereço: Sheila Debastiani Ramos

Endereço: Faculdade Uergs, Unidade em Porto Alegre - Campus Central, Avenida Bento Gonçalves, 8855, Agronomia. Porto Alegre - RS – Brasil. 91540-000.

Endereço: Magali de Moraes Menti

Endereço: Faculdade Uergs, Unidade em Porto Alegre - Campus Central, Avenida Bento Gonçalves, 8855, Agronomia. Porto Alegre - RS – Brasil. 91540-000.

Editor Científico: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 28/09/2017. Última versão recebida em 17/10/2017. Aprovado em 18/10/2017.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

Este trabalho trata de percepções sobre os temas linguagem, cinema e romance em relação à figura feminina. O objetivo é analisar como a mulher é retratada na mídia durante a transição dos séculos XX e XXI. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em referenciais teóricos. É um trabalho com abordagem qualitativa de tipo exploratória e descritiva com base em procedimentos técnicos bibliográficos e documentais, tendo como proposta apresentar a trajetória das mulheres na linguagem do cinema. A pesquisa constatou que este seguimento tecnológico exibe certa contradição no modo como apresenta um “perfil feminino” durante a transição dos séculos XX para o XXI. Percebe-se um retrocesso de valores propagados por este tipo de produção em relação ao papel feminino na sociedade. Este trabalho também apresenta questões como: a construção da identidade, e as relações entre o texto e o leitor.

Palavras-Chave: Mulher. Cinema. Linguagem. Identidade.

ABSTRACT

This work deals with perceptions about the themes language, cinema and romance in relation to the female figure. The goal is to analyze how women are portrayed in the media during the transition of the 20th and 21st centuries. For this, a bibliographical research was carried out based on theoretical references. It is a qualitative work of exploratory and descriptive type based on technical bibliographical and documentary procedures, with the purpose of presenting the trajectory of women in the language of cinema. The research found that this technological follow-up shows some contradiction in the way it presents a "female profile" during the transition from the 20th to the 21st centuries. There is a regression of values propagated by this type of production in relation to the feminine role in society. This work also presents questions such as the construction of identity, and the relationship between the text and the reader.

Keywords: Woman. Movie Theater. Language. Identity.

1 INTRODUÇÃO

As narrativas orais estão sempre presentes na história da humanidade, desde que o homem começou a se comunicar, percebendo que contando histórias ele tinha o poder de entender, criar, inventar e modificar a realidade a sua volta. As pessoas vivem cercadas de histórias e muitas destas narrativas auxiliam e fazem parte da identidade individual e do grupo ao qual pertencem (RODRIGUES, 2010).

O saber que se formava, por trás daqueles contatos com a leitura da literatura, contribuía para o desenvolvimento da criança e a fazia “pensar no mundo”. A lógica dos acontecimentos faz pensar que isso deveria continuar nesse caminho: prazer, descobertas, conhecimento e saber. Tudo isso tendo, na leitura, seu ponto de partida (LOIS, 2010).

Tanto Barthes (1975) quanto Berger e Luckmann (2003), consideram que o ser humano é socialmente “moldado” por uma realidade construída durante o passar dos anos, transformando mitos em realidade através de ações que os tornam reais.

Reconhece-se aí a existência de uma realidade socialmente construída, em virtude de que são as próprias pessoas, por meio de suas interações e ações, que a legitimam como realidade objetiva e que, subjetivamente, internalizam essa realidade ao longo de inúmeros processos de socialização (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Partindo do pressuposto de que narrativas são capazes de estabelecer posturas bem como dar sentido a todo um contexto social, esse estudo foi baseado em uma pesquisa sob o processo de construção social em relação à definição de comportamentos (LOIS, 2010).

Neste sentido, a condição de “atores sociais” é definida pela sociedade através do poder de coerção (força) que ela exerce sobre os indivíduos, exigindo deles a obediência e a eles atribuindo papéis (com funções específicas, significados e expectativas distintas) e contemplando previamente (como retorno) com respostas esperadas. O poder social oprime, regula e modela as relações, os comportamentos e os papéis sociais (MICHALISZYN, 2011, p. 24).

Seguindo pela mesma linha de pesquisa, adentra-se em torno de percepções – à leitura - relativas ao papel designado à figura feminina presente em obras cinematográficas.

O extrato deste trabalho faz parte de uma monografia com o mesmo título, apresentada ao curso de especialização em teoria e prática da formação do leitor como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Leitura e relação texto-leitor

Segundo Paulo Freire (1989), a leitura de mundo precede a leitura da palavra; daí que a posterior leitura deste não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

O autor acredita que, antes de aprendermos a palavra escrita, antes de sermos alfabetizados, aprendemos a ler o mundo que está a nossa volta. É a leitura do mundo imediato, segundo o autor, que se mistura com a construção da identidade. A leitura da palavra, da frase, da sentença não deve significar uma ruptura com a leitura do mundo (FREIRE, 1989).

Sendo assim, a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, sua finalidade está diretamente relacionada com o objetivo que se tem ao se ler: fantasiar, devanear, imaginar, viajar etc. Dependendo do gênero textual, esse objetivo será alcançado, ou não, porque “os gêneros apresentam mudanças, em sintonia com o sistema da literatura, a conjuntura social e os valores da cada cultura” (SOARES, 2007 *apud* MENTI, 2016, p. 11).

Logo, a leitura é, pois, uma atividade de interação altamente complexa de produção de sentidos, que se realizam através de bases linguísticas presentes na superfície textual e na sua forma de organização, porém requer uma gama de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH, 2008).

Neste sentido, a concepção de leitura proposta neste trabalho será a construção de sentidos, baseadas na leitura de imagens e na linguística textual de filmes construindo, para tanto, significados baseados também, em experiências anteriores do leitor.

2.2 Cinema e Romance

Quando se trata do tema cinema, Austin (1993) nos diz que o preceito empírico, nunca se compreende ou se sente abertamente como algo material, mas simplesmente com os sentidos, ou as próprias ideias, impressões e percepções. Assegura que não existe apenas uma coisa a ser percebida, mas várias dela, essa percepção é um conjunto de fatores que talvez possa ser reduzido pela busca científica, e não pela filosofia (AUSTIN, 1993).

Este autor relata que o ser humano normalmente não vê sentido em justificar a existência de crenças e apesar de ter consciência de que os sentidos podem enganar, não desconfiam de que os mesmos sejam dignos de confiança (AUSTIN, 1993).

Souza (1994) acredita que “o cinema oferece uma nova forma de arte adequada a uma sensibilidade saturada pela experiência do choque”. Acredita que, através do cinema e respondendo a uma nova e indispensável necessidade de estímulos, a linguagem cinematográfica irá reproduzir um novo tipo de experiência que o autor considera como vivência-violência quanto ao cotidiano do homem, e que vai se incorporando cada vez mais ao mundo atual (SOUZA, 1994).

Porém, apesar da crítica em relação à forma de arte produzida pelo cinema, contesta as censuras que o identificam como uma arte manipulação. Não acredita que se destine a induzir as massas a se comportar de forma realizar a tarefas que não iriam desempenhar, caso não estivessem em estado de "dispersão" ocasionado pela utilização continua desse formato de mídia (SOUZA, 1994).

Abrantes (2004) acredita que, pegando carona no cinema muito se produziu em relação a enredos de comédia ou dramas românticos, onde os temas abordados são a busca da felicidade, o *happy end* e a ideia de que a realização pessoal vem com o amor (ABRANTES, 2004).

Esses valores são desencadeados pela cultura de massa e consumidos por uma sociedade que tem no entretenimento uma fuga para as pressões cotidianas. Podem também ser considerados femininos porque privilegiam a emoção em detrimento da razão (...) Na sociedade de hoje, amar ainda faz sofrer, mas esse sentimento é visto acima de tudo como sinônimo de felicidade. Encontrar a cara-metade é o caminho para a realização pessoal (ABRANTES, 2004).

Percebe-se, então, bem marcada a linha divisória que, ao mesmo tempo nega o cinema como um indutor de comportamentos, mas o caracteriza como a “fuga” de uma realidade não idealizada pelas pessoas que vivem em determinada sociedade.

Visualizando a mulher como uma telespectadora mais ativa deste tipo de folhetim, Abrantes (2004) descreve as heroínas - personagens centrais nas comédias românticas - como apaixonadas e sofredoras, onde o ápice da sua realização de vida será o beijo do mocinho.

Morin (2000) nos diz que o cinema traz em si a totalidade do erotismo unida à psique, desenterrando os antigos heróis produzidos na década de 30 e os transformando; aqui a mulher ganha ares ocidentais e aparece “simultaneamente como amante, companheira, alma-

irmã, mulher-criança e mulher-mãe e o homem como protetor e protegido, fraco e forte” (MORIN, 2000).

O casal principal neste contexto irá aparecer integrado na questão latente ao romance, onde questões familiares, deveres públicos ou políticos raramente aparecem, ou então são superados pelo “amor supremo” existente entre este casal (MORIN, 2000).

Assim se dá o circuito entre o filme e a vida, entre o imaginário e o real: a necessidade de amor experimentada no decorrer da vida encontra no filme seus modelos, seus guias, seus exemplos; estes passam a parecer na vida e dão forma ao amor moderno (MORIN, 2000, p.136-137).

Este autor apresenta a ideia de que as pessoas reproduzem modelos que consideram marcantes em obras produzidas por folhetins e pelo cinema, incorporando à sua vida comportamentos, vestes e reproduzindo falas e trejeitos.

3. METODOLOGIA

O extrato deste trabalho faz parte de uma monografia com o mesmo título, apresentada ao curso de especialização em teoria e prática da formação do leitor, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

É um trabalho com abordagem qualitativa de tipo exploratória e descritiva com base em procedimentos técnicos bibliográficos e documentais, tendo como proposta apresentar a trajetória das mulheres na linguagem do cinema. O interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, entre outros campos.

Esta 1ª fase consistiu em uma pesquisa bibliográfica; a 2ª fase determinou, de acordo com a natureza da pesquisa, as técnicas empregadas na coleta de dados e na seleção da amostra; e a 3ª fase definiu as técnicas de registro destes dados e as técnicas que serão utilizadas em sua análise.

Segundo Minayo (1999), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares e se preocupa com o nível da realidade que não pode ser quantificada. Trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalização de variáveis.

Demo (2004) deixa claro que trabalhar com pesquisa qualitativa não é tão simplista como se costuma acreditar, tornando uma metodologia arriscada e bastante exigente para o investigador. Certamente que um dos primeiros passos para a realização de um bom trabalho

utilizando essa metodologia, perpassa pela desmistificação de que a pesquisa qualitativa pode ser feita por qualquer um, sem grandes preocupações com o método.

Como procedimentos para pesquisa foram utilizadas informações bibliográficas, pesquisa de campo e estudo de caso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A Mulher nos Séculos XX e XXI

Carvalho (2014) verificou, em sua análise que o mundo experimenta uma evolução contínua do valor social das mulheres, tornando-as atualmente, donas de suas vidas, tendo a possibilidade de escolher o caminho que seguirão. O mesmo autor acredita que estes fatos “(r) evolucionários” foram transportados para filmes e animações infantis (CARVALHO, 2014).

Porém, nem sempre foi assim. Segundo Mallard (2008), durante o século XX, “o papel das mulheres apresentou grandes transformações sociais e as maiores realizações” (MALLARD, 2008).

As mulheres puderam ser emancipadas, assumiram o poder com o compromisso em todas as etapas de sua vida e também mantiveram postura diante às exigências relacionadas às responsabilidades assumidas (MALLARD, 2008).

Lindemann (2013) considera que a maior libertação das mulheres ocorreu logo após a primeira guerra mundial quando, com o surgimento dos métodos contraceptivos a mulher passou a ter maior autonomia sobre seu corpo e sua sexualidade (LINDEMANN, 2013).

Magalhães (2012) destaca que no Brasil, nos anos 1960, e mesmo 1970, do século XX, “se uma mulher com idade inferior a 21 anos “fugia para casar”, mesmo que não tivesse consumado a relação carnal, tinha que casar para não ficar isolada ou negligenciada à solidão e estigmatizada como “prostituta” (MAGALHÃES, 2012).

Lindemann (2013) acredita que a mulher do século XX foi “ensinada” a acreditar e reconsiderar fatores e fragilidades quando se trata da figura masculina.

Entende que essa mensagem de aceitação – da família feliz, onde o amor vence tudo – vem de novelas e filmes hollywoodianos que passavam e ainda passam a mensagem de como deve ser a verdadeira mulher (linda e bem-disposta). Mas acredita que esse apelo com alto poder de influência e mudança comportamental era mais forte nos anos 50; hoje aparece de uma forma mais velada (LINDEMANN, 2013).

Aqui mais uma vez, percebemos a importância das películas no cotidiano das pessoas; esta autora, também, destaca a influência da mídia no comportamento social do ser humano.

Tedeschi (2012) apresenta a importância da “dimensão da linguagem, dos discursos, na história das mulheres onde passa a ser uma ferramenta de análise importante”, pois irá surgir como um modelo de significados e não como forma de representar algo real (TEDESCHI, 2012).

A linguagem não é só vocabulário, mas também discurso, isto é, um conjunto de formas conceituais, culturalmente estabelecidas, de perceber, aprender e fazer inteligível nosso contexto, nosso cotidiano. Em consequência, os conceitos lingüísticos não simplesmente se referem à realidade e a designam, como também contribuem para a elaboração da imagem que temos dela e, portanto, influem na maneira em que experimentamos o mundo e nosso lugar nele (TEDESCHI, 2012, p.11).

As mulheres demoraram a aprimorar o nível de suas leituras, pois a sociedade patriarcal disseminava que os livros ideais para o sexo feminino deveriam ser os moralistas e religiosos, por esse motivo elas tinham o acesso à educação bem restrito. As leituras serviam para entretenimento, sendo bobas e de má qualidade. Livros que exigissem a reflexão sobre política, cálculo, história, geografia era destinado ao marido, à esposa caberia apenas cuidar do lar (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

Devido a isto, as narrativas históricas que ditam um discurso de “improdutividade” às mulheres, não podem ser avaliadas, sem a procura pelos aspectos que fundamentaram o imaginário social na história naquele período. Bem como as representações que a ditaram, em certos contextos históricos, que as mulheres eram seres do silêncio por sua própria natureza ou que, na divisão do trabalho, tenham ficado com as tarefas do corpo, da procriação, da casa, da agricultura, da domesticação dos animais, do servir-cuidar-nutrir, perdendo assim sua capacidade como sujeito (TEDESCHI, 2012).

Tedeschi (2012) constata que a história funcionou desta forma tradicional por muito tempo, não havendo espaço para as memórias e obras elaboradas por mulheres; considera que “uma história fora da história, tem relação direta com a perda da memória histórica das mulheres e sua ausência no cenário humano” (TEDESCHI, 2012).

Vasconcelos (2012) contemporiza, pois acredita que, com os desdobramentos realizados nas últimas décadas na teoria literária, na linguística e na filosofia da linguagem, permitiram-se, então, para as mulheres, novas perspectivas na leitura de textos, sugerindo, muitas vezes, implicações inusitadas ou surpreendentes (VASCONCELOS, 2012).

Porém, segundo Bordonal e Fortuna (2011):

O papel feminino estabelecido pela sociedade patriarcal na qual vivemos, ainda determina as principais atribuições que devem ser realizadas pelas mulheres no decorrer de suas vidas, entre elas estão à maternidade, o cuidado da casa, dos filhos e a responsabilidade do afeto com toda a família. É quase como uma obrigação a mulher sentir-se realizada no espaço doméstico (BORDONAL E FORTUNA, 2011, p. 4).

Magalhães (2012) ilustra que:

A introdução do princípio de igualdade presente na Constituição Federal de 1988 muda o conceito anterior fincado na referência ao “homem”. O emprego da palavra “pessoa” amplia o âmbito e insere a mulher. Essa mudança considera os avanços presentes na Constituição Federal de 1988, que estabelece que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. No novo Código, as mulheres são vistas como cidadãs, sujeitas de direitos e deveres. Agora a mulher, ao casar, não apenas “assume a condição de companheira do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta” (art. 240 do Código de 1916), mas passa a exercer direitos e deveres baseados na comunhão plena de vida e na igualdade entre os cônjuges (MAGALHÃES, 2012).

Porém, Valle (2006) nos alerta que “quando uma instituição elabora leis que ela mesma não cumpre, põe em risco sua razão de existir e a própria democracia” (VALLE, 2006).

Durante a virada do século, através de várias correntes e lutas feministas ocorridas ainda no século XX, obtivemos muitas conquistas: a Lei Maria da Penha¹, também um aumento de ministras de Estado e em presidência de empresas e órgãos públicos, como no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e na Petrobrás, a primeira mulher para a presidência da República, entre outras aquisições.

Segundo o IBGE, entre 1996 e 2006, o percentual de mulheres responsáveis pelos domicílios aumentou de 10,3 milhões para 18,5 milhões. O aumento da chefia feminina ocorreu principalmente nas famílias compostas por casal com ou sem filhos. Em 2001, a Fundação Perseu Abramo realizou uma pesquisa sobre chefia familiar, e constatou que 66% das famílias são chefiadas por homens e 34% por mulheres. Já em agosto de 2010, a mesma pesquisa identificou mudanças, a chefia masculina representa 62% e a feminina 38%, o que significa que o percentual das famílias chefiadas por mulheres subiu quatro pontos percentuais (BORDONAL E FORTUNA, 2011, p. 6).

¹ Lei número 11.340, de 7 de agosto de 2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>.

O que se percebe, entretanto é um retrocesso: tanto midiático, referente ao papel retratado da mulher em sociedade; e relativo ao aumento da violência contra a mulher dentro dos seus lares.

Se a mídia não induz comportamentos como apontado por Souza (1994), porque se percebe que os meios de comunicação têm relegado a mulher a uma posição de coadjuvante? Por que a violência em relação à mulher tem crescido tanto nos últimos anos, principalmente por crimes passionais?

Embora as estatísticas detectem avanços importantes em vários setores, o lugar da mulher brasileira ainda reflete o domínio do homem sobre a vida dela. O Mapa da Violência 2015, divulgado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, aponta que 55,3% das mortes violentas de mulheres são cometidas no ambiente doméstico e 33,2%, por parceiros ou ex-parceiros. Os números são da base de dados do Ministério da Saúde em 2013. (...) Mas a tarefa da mudança não é simples. No Mapa Mulheres na Política 2015, apresentado pela ONU no ano passado, o Brasil ocupa uma das últimas posições na lista de 188 países pesquisados quanto à participação feminina nos Paramentos (BRASIL, 2016).

Rocha (2014) reproduz a ideia de que a tolerância "é a virtude da moderna democracia pluralista". Acredita que a "tolerância versus intolerância, igualdade versus desigualdade, homogeneidade versus diferença, individualismo versus coletivismo são oposições constituintes do debate e da política contemporânea em diversas áreas do conhecimento", igualmente como do senso comum (ROCHA, 2014).

É fundamental formular duas questões em relação ao princípio da igualdade. Em primeiro lugar, igualdade entre quem e em segundo, igualdade em quê? A ideia de que "todos são iguais, porém alguns são mais iguais do que outros" é crucial para a proposição de que se faz necessário "tratar os desiguais de forma desigual", por meio de políticas e ações afirmativas. O objetivo principal das ações afirmativas² é restituir ou atingir uma igualdade que foi rompida ou jamais existiu (ROCHA, 2014).

Valle (2006), porém, acredita que devemos ter cuidado ao reforçar as vozes feministas, pois apenas assumem a antiga teoria de que homens são seres superiores. Faz-se preciso, hoje, fugir de estereótipos de sucesso e compreender as reais necessidades das mulheres, procurando equilíbrio para não aumentar o abismo entre o que se é e o que se deseja ser (VALLE, 2006).

² São políticas públicas feitas pelo governo ou pela iniciativa privada com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos. Uma ação afirmativa busca oferecer igualdade de oportunidades a todos. Disponível: < www.seppir.gov.br/assuntos/o-que-sao-acoes-afirmativas>

Esta autora traz um ponto de vista diversificado, no qual pondera que a sociedade acaba caracterizando as pessoas, utilizando o discurso do “sempre foi assim”.

Acredita que a melhor forma de quebrar paradigmas é considerar o que cada pessoa, como ser social e inserido é capaz de produzir ou fazer, quais são suas habilidades e características, independentemente de seu gênero ou classe. Só assim, será possível iniciar um processo de desconstrução de estereótipos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo constatou que, relativo ao perfil feminino exibido em películas televisivas existe certa contradição no modo como o apresenta, percebe-se uma discrepância maior durante a transição dos séculos XX para o XXI.

Gergen (2008) destaca que teorias válidas sobre o comportamento social constituem significantes instrumentos de controle social. Na medida em que o comportamento de um indivíduo é previsível, ele torna-se vulnerável. Outros podem alterar as condições ambientais ou seu próprio comportamento em relação a ele a fim de obter um máximo de recompensa com um mínimo de custo (GERGEN, 2008).

Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos; outras, encarnam ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões iluminam cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta; pode ser uma identificação tangencial, enviesada (CORSO; CORSO, 2010, p. 20).

Esta proposta abre espaço para questionamentos em trabalhos futuros a respeito de a quem interessa essa submissão feminina, ou até mesmo em que impacta a nossa sociedade esse retrocesso de comportamentos propagados. Ou, então, em que sentido os produtores ou empresas cinematográficas impõem suas concepções nas obras veiculadas.

Os desdobramentos realizados nas últimas décadas na teoria literária, na linguística e na filosofia da linguagem permitem novas perspectivas na leitura de textos historiográficos, sugerindo muitas vezes sugestões inusitadas ou surpreendentes (VASCONCELOS, 2012).

As relações por nós estabelecidas em sociedade são definidas através de estruturas sociais, que se organizam por meio de instituições sociais. O comportamento social é resultado da maneira como organizamos as relações sociais que estabelecemos e pelas regras de conduta e valores por nós determinados e considerados como elementos fundamentais para a construção da vida social, econômica e política (GUERREIRO, 2001).

Não acredito que exista um perfil específico feminino a ser traçado, ou caracterizado em nossa sociedade atual, apenas diferentes formas de representação dentro do aspecto social e cultural de cada mulher.

Porém, é preciso que se tenha consciência de sua importância e do que representam dentro da nossa sociedade, dos vários papéis que as mulheres carregam, de suas responsabilidades, de suas lutas. E deve ser esse conjunto que as individualize e forneça motivos que as façam felizes, e não a dependência ou aceitação de algo ou alguém.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. A. **Um conto de fadas contemporâneo: a comédia romântica**. Juiz de Fora: UFJF, 2004.

AUSTIN, J. L. **Sentido e Percepção**. Tradução de Armando Manuel Mora de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 193 p. Coleção Tópicos.

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL, S. **Lugar de mulher também é na política**. Brasília: Agência Senado, 2016. Disponível: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/03/08/lugar-de-mulher-tambem-e-na-politica>. Acesso: 04.01.2017.

BORDONAL, L. M; FORTUNA, S. L. A. Empoderamento: processos decisórios das mulheres chefes de família na perspectiva de gênero. In: II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. **Anais...** Universidade Estadual de Londrina, 2011.

CARVALHO, A. E. A. **Personagens femininas em animações do estúdio Disney: transformações de perfis em mulheres complexas**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 135p. 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. V. ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, M. Machado de Assis: um mestre de leitura. In: LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 77-85.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

LINDEMANN, I. **Nós, Mulheres**. Porto Alegre: Suliani, 2013.

LOIS, L. **Teoria e prática da formação do leitor**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MAGALHÃES, M. C. (org.) **A formação do professor como um profissional crítico**: linguagem e reflexão. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

MALLARD, S. D. S. **A mulher do século XXI**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

MENTI, M. M.; SILVA, D. C. F. **Formação do leitor**: Uso de textos diversos e aplicação de estratégias de leitura. Revista científica eletrônica da UERGS, v. 1, p. 117, 2016.

MICHALISZIN, M. S. **Educação e Diversidade**. Curitiba: IBPEX, 2011.

MINAYO M. C. *et al.* **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MORIN, E. **Cultura de Massa no Século XX**. O Espírito do Tempo: Neurose. 9ª edição. Rio de Janeiro: Forence, 2007.

MOURA, V. B. **Contos de Fada**: Diálogos com a psicanálise. São Paulo: UNIP e USP, 2010.

RODRIGUES, L. G. **A arte das narrativas orais e urbanas**: performance, história, memória e ficção. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

ROCHA, C. S. M. **Direitos da Mulher**: Uma história de dominação e lutas. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

SOUZA, S. J. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história**: uma introdução teórica metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

VALLE, H. D. **Lugar de mulher é na cozinha e onde mais ela quiser**. Porto Alegre: EVANGRAF, 2006.

VASCONCELOS, J. A. **Fundamentos filosóficos da educação**. Curitiba: IBPEX, 2011.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

RAMOS, S. D; MENTI, M. M. Linguagem, Cinema, Romance e a Figura Feminina. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.1, art. 13, p. 218-231, jan./fev. 2018.

Contribuição dos Autores	S. D. Ramos	M. M. Menti
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X